

Evento: XXI Jornada de Extensão
ODS: 5 - Igualdade de Gênero

AS MARCAS DO OUTRO NA CONSTITUIÇÃO DO EU: APONTAMENTOS DE RECORTES CLÍNICOS DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA¹

THE MARKS OF THE OTHER IN THE SELF- CONSTITUTION: APPOINTMENTS OF CLINICAL RECORDS OF WOMEN VICTIMS OF VIOLENCE

Luana da Fonseca Patias², Marjorie Dariane da Silva Machado³

¹ Recortes clínicos de um relato de experiência realizado em Estágio na Coordenadoria Municipal de Políticas Públicas para às Mulheres

² Graduanda em Psicologia pela URI Campus de Santo Ângelo, estagiária na Coordenadoria Municipal de Políticas Públicas para às Mulheres

³ Psicóloga, Pós Graduada em Psicologia Clínica: Práticas Clínicas nas Instituições - UNIJUÍ; Psicóloga na Coordenadoria Municipal de Políticas Públicas para às Mulheres

INTRODUÇÃO

A construção do atual estudo dá-se através de estágio realizado na Coordenadoria de Políticas Públicas para às Mulheres. Refere-se a um estudo de recortes clínicos de alguns casos atendidos pelo serviço e apoia-se na Psicanálise Freudiana e Lacaniana ao longo de sua construção teórica. A partir das escutas, notou-se alguns padrões de discursos, fazendo-se pensar no encadeamento do Outro na vida dessas mulheres.

O Outro perpassa a constituição de todos. Opiniões, modos de pensar e agir são constituintes do sujeito, direcionando cada um a definir experiências e vivências, desde o nascimento até a morte, quer seja biológica ou simbólica (morte do sujeito).

O Outro supracitado, foi exposto por Lacan, assumindo função por esse descrito como o Grande Outro. No Seminário 11 Lacan (1979) refere-se ao Outro: “é o lugar onde se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tende a parecer” (p. 193).

Atravessando culturas, instituições e meios sociais, com relatos de mulheres atendidas pela equipe da Coordenadoria Municipal da Mulher de um município do Noroeste do estado do RS, pode-se perceber que são comuns as situações em que a mulher, após libertar-se de um relacionamento baseado na violência, quer seja física, psicológica ou moral, ainda traz em seus discursos fragmentos significantes (entendido aqui como importante elemento consciente ou inconsciente determinante de atos, palavras e destino) da relação abusiva (ROUDINESCO, 1998). Da mesma forma, observamos que, ao falar de sua dor, mulheres acabam relatando mais sobre o companheiro, do que sobre si mesma.

A partir disso, este trabalho tem o intento de refletir sobre o papel do outro (homem, companheiro) e sua intrusão afetiva, de personalidade e psicológica, bem como os resquícios do Outro na vida dessas mulheres.

Palavras-chave: Mulher. Psicanálise. Cultura.



Evento: XXI Jornada de Extensão
ODS: 5 - Igualdade de Gênero

Keywords: Woman. Psychoanalysis. Culture.

METODOLOGIA

Ao considerar que o Outro produz marcas, positivas ou negativas, as quais influenciam no modo de pensar e agir, o presente estudo foi realizado através de relatos de experiências durante estágio de escuta clínica de mulheres vítimas de violência doméstica, por meio de estudo de casos e supervisões.

O estágio na instituição teve duração de dois anos e além de outras atividades, oportunizou a experiência de escuta clínica, acompanhamentos dos casos e supervisões. Deste modo, colaborou na construção de conhecimento e compreensão adequada as singularidades de cada caso, além de conciliar teoria e escuta clínica. Para Dunker et al. (2017) a escuta analítica em supervisão consiste em uma díade de discernimento sendo esses o desenvolvimento da escuta para o supervisionando e que o mesmo possa transmitir palavras que reproduzam o real significado diante da demanda trazida pelos pacientes em terapia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A construção identitária da mulher, a qual dá-se culturalmente desde seus primeiros anos de vida, atribui à mulher, assim como ao homem, funções sociais preestabelecidas. A sociedade delimita a forma que os sujeitos, a partir de seus sexos, agirão socialmente (SAFFIOTI, 1987). Desta forma, algumas mulheres desenvolvem seu pensar através de vivências e atribuições que lhe são impostas, e conseqüentemente, portam-se com naturalidade em meio a violência que as perseguem em suas vidas adultas, pois, para muitas, esse contexto esteve presente em grande parte de suas vidas, além de uma extensa formação em ser mãe, dona de casa e boa esposa, como evidencia usuária atendida pelo serviço: “A gente foi criada assim, casou o marido é teu para toda a vida”.

A naturalização da violência advinda da experiência da mesma, faz com que as mulheres se submetam a humilhações, abusos físicos e psicológicos, além de chantagens e violências, devido ao fato que essas não foram constituídas em realidade que não fosse por meio da violência. Este fato reafirma o papel simbólico, da linguagem e cadeia de significantes que o Outro acaba ocupando na vida dessas mulheres, as quais encontram familiaridade em parceiros adeptos a violência (QUINET, 2020). Silva, Menezes e Lopes (2010) apontam em seus estudos os fatores relevantes a transgeracionalidade, como o influxo de modelos das famílias de origem na tentativa de associar ou por completividade nas escolhas por parceiros.

Esse retorno a um ambiente violento ao qual as mulheres, por vezes, acabam infelizmente inseridas as conduzem a uma repetição de experiências primárias as quais não foram capazes de atribuir significado.

Freud (1914) expõe essa repetição a vivências primárias: “[...] É lícito afirmar que o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e recalçado, mas sim o atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber que o faz” (p. 149). Ainda em seus escritos encontramos:

“[...] repete sob as condições da resistência; agora podemos perguntar: o

Evento: XXI Jornada de Extensão

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

que repete ou atua ele de fato? A resposta será que ele repete tudo o que, das fontes do recalco, já se impôs em seu ser manifesto: suas inibições e atitudes inviáveis, seus traços patológicos de caráter (p. 151).

Neste sentido, recalco representa o processo que tenciona preservar no inconsciente ideias e performances interligadas a pulsões, quais suas realizações, que produzem o prazer, poderiam afetar o equilíbrio do funcionamento psicológico individual, alterando para o desprazer. Constitui o núcleo original do inconsciente (ROUDINESCO, 1998).

A partir dessa constituição que se dá desde a infância e transcorre ao longo da vida do ser humano, instituindo Outros em si mesmo, nota-se o “lugar” que muitas vezes o homem ocupa na vida das mulheres vítimas de violência. São anos de ameaças, submissões, pressões psicológicas que acabam fazendo este homem manter-se presente mesmo sem estar. A linguagem o faz permanecer vivo no discurso que preenche a vida dessas mulheres.

O Outro Descrito por Pereira (2017) como: “O Outro aparece aos olhos desses seres de linguagem que somos, como suporte absoluto da verdade. Dele ousamos esperar o reconhecimento e a legitimação de nossa posição singular de sujeitos” (p. 345), interpela as mulheres de tal forma que em suas falas, esses nunca deixam de estar presentes, principalmente o companheiro, o qual ocupou (e ainda ocupa) lugar estrutural e por vezes, de dependência pelas mulheres usuárias do serviço.

Tais mulheres passaram anos sendo impregnadas por discursos e atitudes de violência, os quais ainda permanecem presentes após o rompimento do relacionamento, refletindo diretamente em seus pensamentos e modos de agir, fixados em suas atitudes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São discursos como “Estou mais presa que nunca”, além da dificuldade de desvincular o novo momento ao que já foi vivenciado que denotam uma reprodução da vida conjugal mesmo pós rompimento do relacionamento. As mulheres mantêm em suas vidas um funcionamento psíquico que ainda as aprisionam e assumem um compromisso que as limita, o que evidencia a complexidade da relação constituída pelo casal, instituindo à mulher pensamentos, atitudes e direcionando em suas escolhas após a separação, ou seja, supondo no Outro um saber sobre elas mesmas (CULT, 2018).

Deste modo, percebe-se que desde as primeiras experiências até a escolha de um parceiro pode estar atribuída a constantes repetições e uma busca ao que já foi experienciado. Esses fatos incorporam em seus pensamentos, comportamentos e personalidade, indicando a influência do Outro, mantendo nessas mulheres, apesar da violência sofrida, uma constante permanência e indícios do Outro. Pode-se pensar através disso a relação hesitante entre estar livre de um relacionamento baseado em violência e o sofrimento pela ausência desses homens no final dos relacionamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CULT – **Revista Brasileira de Cultura**. Paraíso, São Paulo: Editora Bregantini. N° 238, setembro 2018.

DUNKER, C. I. L., (2017) **A construção de casos clínicos em psicanálise: método clínico e**

Evento: XXI Jornada de Extensão
ODS: 5 - Igualdade de Gênero

formalização discursiva. São Paulo: Annablume.

FREUD, S. **Recordar, repetir e elaborar. Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise.** 1914. Disponível em: [https://www.academia.edu/34736914/](https://www.academia.edu/34736914/RECORDAR_REPETIR_E_ELABORAR_1914_NOVAS_RECOMENDAÇÕES_SOBRE_A_TÉCNICA_D)

RECORDAR_REPETIR_E_ELABORAR_1914_NOVAS_RECOMENDAÇÕES_SOBRE_A_TÉCNICA_D
Acesso em: 02 jul 2020.

LACAN, J. O sujeito e o outro (I): a alienação. In: **O Seminário – Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1979b.

PEREIRA, M. E. C. Solidão e alteridade em A hora da Estrela, de Clarice Lispector. In: **Psicanálise.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 2017.

QUINET, A. 2020. Um vídeo. (48 m 01 s). R. S. I Em Cena – Psicanálise, Pulmão do Mundo. **Publicado pelo canal Antonio Quinet.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wKC63tHaxqw&t=1785s>. Acesso em: 15 jul 2020.

ROUDINESCO, E., PLON, M. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA, I. M., MENEZES, C. C., LOPES, R. C. S. (2010). Em busca da “cara-metade”: motivações para a escolha do cônjuge. **Estudos de Psicologia,** (Campinas) [online], 27 (3), p. 383-391.

Parecer CEUA: 3.104.922/2019